

A contribuição de José Carlos Mariátegui à compreensão da realidade latino-americana

Gilberto Grassi Calil*

Resumo: José Carlos Mariátegui (1894-1930), marxista revolucionário peruano é autor de uma obra imprescindível à compreensão da realidade latino-americana. Reivindicando uma filiação marxista e revolucionária, Mariátegui produziu uma interpretação criativa e inovadora, atenta às especificidades de cada formação histórica, o que implicou no aprofundamento da reflexão sobre a questão indígena, de decisiva importância no Peru e em toda América Andina. Ao mesmo tempo, combateu a burocratização imposta pelo stalinismo. Sua reflexão evidencia questões que permanecem atuais, como a ausência de papel revolucionário das burguesias nacionais, a importância dos movimentos camponeses para um projeto revolucionário, a necessidade de pensar a questão indígena e o caráter necessariamente socialista da revolução latino-americana.

Palavras Chave: José Carlos Mariátegui; Marxismo; América Latina

Abstract: Jose Carlos Mariátegui (1894-1930), Peruvian revolutionary Marxist is the author of an essential work for the understanding of the Latin American reality. Demanding a Marxist and revolutionary filiations, Mariátegui produced a creative and innovative interpretation, paying attention to each specific historical formation, which implied in a deepening reflection about the aboriginal issues, which had decisive importance in Peru and all the Andean America. At the same time, it fought the bureaucratization imposed for the Stalinism. His thoughts stand out questions that still current like the absence of the revolutionary role of the national bourgeoisies, the peasant movements' importance for a revolutionary project, the need of reflections about the aboriginal issue and the necessarily socialist nature of the Latin American revolution.

Key words: José Carlos Mariátegui; Marxism; Latin America.

O peruano José Carlos Mariátegui nasceu em 1894 e faleceu precocemente em 1930. Seus principais textos foram produzidos em seus últimos anos de vida, após retornar de uma estada de quatro anos na Europa, em 1923. Sua produção anterior à viagem para a Europa, marcadamente romântica, é considerada pelo próprio Mariátegui como “*a idade da pedra de meu pensamento*”, e portanto, sem maior valor (Cf. ALIMONDA, 1986: 27). As reflexões produzidas por Mariátegui, ainda, assim, constituem um importante marco do marxismo latino-americano, constituindo-se em na primeira reflexão original e sistemática sobre a realidade da América Latina a partir do método marxista. A importância de sua

* Professor Adjunto do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutor em História Social (UFF). gilbertocalil@uol.com.br.

contribuição é ressaltada em diversos estudos¹ que ressaltam sua originalidade, criatividade, heterodoxia e reflexão autônoma em relação à Internacional Comunista, já em processo de burocratização e sob o impacto do mecanicismo stalinista. O reconhecimento da originalidade de seu pensamento, no entanto, tem levado alguns autores a enfatizar uma “heterodoxia”, marcada por um soposto romantismo, voluntarismo e antideterminismo, em geral relacionadas à sua valorização da ação do sujeito revolucionário.

Além disso, a reflexão de Mariátegui sobre temáticas que contrariam o esquematismo stalinista, erroneamente vistas como “heterodoxas”, como a cultura, a literatura, a questão indígena e a identidade nacional, muitas vezes tem levado seus analistas a considerá-lo como “anti-determinista” e pouco voltado à reflexão sobre a estrutura econômica. Tal apreciação nos parece incorreta e injustificável, conforme procuraremos argumentar. Em contraposição a esta vertente, a proposta deste trabalho é propor a compreensão de sua obra como uma importante reflexão em torno da revolução latino-americana, com destaque para sua proposição acerca da impossibilidade de que a burguesia dos países latino-americanos desempenhasse qualquer papel revolucionário, e conseqüente impossibilidade da concretização de uma revolução burguesa nos moldes clássicos, para sua reflexão acerca do sujeito da Revolução Socialista, e para seus procedimentos metodológicos na interpretação da realidade latino-americana. Michel Lowy sustenta que “*no coração da heresia mariateguista, da singularidade de sua interpretação do marxismo, encontra-se um núcleo irredutivelmente romântico*” (LOWY In MARIÁTEGUI, 2005b: 8). Para este autor, a visão “romântico-revolucionária” de Mariátegui se evidenciaria no culto em especial da adoção do “mito revolucionário” proposto por Sorel, através do qual buscaria o “*reencantamento do mundo pela ação revolucionária*” (Idem, 17). Segundo Lowy, a expressão máxica do romantismo de Mariátegui seria sua “ousada” e “herética” “*estratégia política que situava nas comunidades indígenas o ponto de partida para uma via socialista própria aos países indo-americanos*”. (Idem, 21-22).² Sua conclusão reitera o romantismo

¹ Dentre os quais pode-se citar ALIMONDA, 1986; LOWY, 1998, SANCHEZ VÁZQUES, 1998; OSÓRIO, 1987; ARICÓ 1988, FORNET-BETANCOURT, 1995.

² É importante observar na formulação de tal estratégia política, Mariátegui fundamenta-se no procedimento pouco “romântico” ou “herético” de tomar como ponto de partida de sua interpretação a análise da estrutura social peruana, a qual colocava em destaque o peso decisivo das massas indígenas. Foi a reflexão em torno da Revolução Socialista em um país dependente, atrasado, pouco industrializado e com uma estrutura econômica centrada no latifúndio agroexportador que conduziu Mariátegui a refletir acerca da necessidade de incorporação dos camponeses no processo revolucionário, tendo em vista a dimensão reduzida da classe operária peruana. Sendo o campesinato peruano constituído majoritariamente de indígenas, era evidente a necessidade de estudar sua cultura e sua história, o que levou Mariátegui a buscar nas tradições incaicas elementos que permitissem uma aproximação entre as reivindicações indígenas – em especial a reconquista da terra expropriada pelo latifúndio – e a perspectiva socialista revolucionária. É neste contexto que a temática indígena articula-se com a análise

como eixo articulador da obra mariateguiana: “*Concluindo: seja no terreno da filosofia ou da estratégia política, da cultura ou da questão agrária, da história ou da ética, a obra de Mariátegui está atravessada, de ponta a ponta, por um poderoso impulso romântico-revolucionário, que empresta à sua concepção marxista do mundo sua qualidade única e sua força visionária*”. (Idem, 24). Também Raúl Fonet-Betancourt, considerando Mariátegui como “*defensor de um marxismo antideterminista*” (FORNET-BETANCOURT, 1995: 154), enfatiza sua “heterodoxia”, que se expressaria sobretudo em seu voluntarismo, que, “*em Mariátegui, é um termo que, antes de tudo, quer ressaltar a função religiosa metafísica, que, num mundo que se precipita na falta de orientação o marxismo deve assumir e cumprir*” (Idem, 143). Fonet considera que tal função “religiosa metafísica” seria capaz inclusive de erigir as determinações: “[Mariátegui] afirma no marxismo a **novidade imprevisível**, que o ímpeto criativo daquele fator subjetivo cujo nome é liberdade humana, pode provocar em **qualquer situação histórica**”..(Idem, 154, grifos meus). O autor sustenta a tese do “voluntarismo” mariateguiano a partir de um texto de 1925 no qual Mariátegui afirmava que “*a força dos revolucionários não se encontra na sua ciência; ela está na crença, em sua paixão, em sua vontade. Ela é uma força religiosa, mística, espiritual. É a força do mito, É a emoção revolucionária... é uma emoção religiosa*” (apud FORNET-BETANCOURT, 1995: 153)³. A despeito do impacto de tal afirmação, entendemos necessário cotejá-la com a produção teórica mariateguiana, para, a partir de sua compreensão acerca da realidade peruana e latino-americana, reavaliar seu suposto “voluntarismo”. Nesse sentido, a análise de sua produção acerca da formação histórica peruana, da temática indígena e da revolução latino-americana parece nos particularmente relevante. Assim, nossa proposta é indicar as principais questões que constituem a problemática mariateguiana, para refletir em torno de sua importância na constituição do marxismo latinoamericano.

econômico-social, nada tendo de “romântico”. Cabe ponderar, ainda, que a participação das comunidades indígenas de fato fosse considerada imprescindível para o desenvolvimento do processo revolucionário peruano, elas não eram consideradas por Mariátegui como “ponto de partida” para uma via socialista.

³ Tal referência à “força do mito” não impede Mariátegui de utilizar o termo com conotação negativa em outras passagens, como quando, ao criticar o nacionalismo das classes dominantes, afirma que “*Essa peruanidade, profusamente insinuada, é um mito, é uma ficção*” (MARIÁTEGUI, 2005b: 43). Igualmente, Mariátegui usou o termo “romântico” com acepção pejorativa, como ao criticar aquele sentimento nacionalista pelo fato de que gostaria de “*romântica e anacronicamente*” “*isolar e diferenciar os interesses da própria nação daqueles interesses do resto do mundo*”. Idem, 36.

A Revolução Latino-Americana

Entre 1923 e 1930, sua produção – dialeticamente vinculada à práxis política – concentra-se em torno problemática da Revolução Latino-Americana. Mariátegui argumenta que seria ilusória a perspectiva de uma revolução burguesa na América Latina, pois as burguesias latino-americanas mantinham-se estruturalmente vinculadas ao imperialismo e ao latifúndio,⁴ do que conclui que a revolução latino-americana necessariamente teria que ter caráter socialista, articulada à revolução mundial: *“A revolução latino-americana será uma etapa, uma fase da revolução mundial, nada mais, nada menos. Será, pura e simplesmente, a revolução socialista. A esta palavra acrescentem, segundo os casos, todos os adjetivos que quiserem: “antiimperialista”, “agrarista”, “nacionalista-revolucionária”. O socialismo os supõe, os antecede, abrange a todos.* (MARIÁTEGUI, 2005b: 119). Seu ponto de partida é a análise do estágio imperialista de desenvolvimento do capitalismo e da Divisão Internacional do Trabalho: *“A época da livre concorrência, na economia capitalista, terminou em todos os campos e em todos os aspectos. Estamos na época dos monopólios, isto é, dos impérios. Os países latino-americanos chegam atrasados à concorrência capitalista. Os primeiros lugares já foram definitivamente atribuídos. O destino desses países, na ordem capitalista, é o de simples colônias”* (MARIÁTEGUI, 1999b: 112). Com base nessa referência conclui que *“o socialismo aparece em nossa história não por uma razão de acaso, de imitação ou de moda, como espíritos superficiais supõem, mas como uma fatalidade histórica* (MARIÁTEGUI, 1958: 34). O caráter socialista da revolução proposta é inequívoco: *“Na luta entre dois sistemas, entre duas idéias, não passa pela nossa cabeça sentirmo-nos espectadores nem inventar um terceiro termo. A originalidade a qualquer custo é uma preocupação literária e anárquica. Na nossa bandeira inscrevemos esta única, simples e grande palavra: socialismo”* (MARIÁTEGUI, 2005b: 118). Rejeitando as proposições do reformismo, Mariátegui propunha a constituição de um bloco classista, no qual tivessem lugar tanto a vanguarda operária como os camponeses, em sua maioria de procedência indígena, manifestando suas reservas quanto à incorporação da classe média, considerando que *“um governo da classe média não pode desenvolver senão uma política capitalista. A classe média necessita incorporar-se na classe capitalista ou na classe assalariada. Não cabe para ela*

⁴ Tal posição é desenvolvida na tese “Ponto de Vista Antiimperialista”, na qual repudia a qualificação de “países semicoloniais” aos países latinoamericanos, argumentando que a “questão nacional” existente em países como a Índia e a China, que levaria as burguesias nacionais a confrontar-se com o imperialismo, não se reproduzia na América Latina, onde a classe dominante *“não sente falta de um grau mais amplo e preciso de autonomia nacional”*, pois as burguesias nacionais *“vêem na cooperação com o imperialismo sua melhor fonte de ganhos”*. MARIÁTEGUI: 2005b, 130.

uma posição intermediária nem independente” (MARIÁTEGUI, 1964: 102). Os desdobramentos políticos desta posição são claros, e vinculam-se à conhecida polêmica travada com Haya de la Torre: para Mariátegui, a incorporação dos setores médios no bloco classista revolucionário só seria admissível sob direção da classe trabalhadora, e jamais ao custo da perda de autonomia da classe trabalhadora.

A base material da análise mariateguiana

A tese do “romantismo” e “voluntarismo” de deixa de considerar a evidência de que Mariátegui inicia sua principal obra teórica – Sete ensaios de interpretação da realidade peruana – com uma análise da formação histórica peruana – “Esquema da evolução econômica”. Claramente, seu ponto de partida da compreensão da realidade peruana e, portanto, orientador de sua perspectiva revolucionária, é a análise da evolução econômica. Mariátegui produz uma interpretação histórica, avaliando as estruturas pré-coloniais, o processo de colonização e sua base econômica, a constituição de uma economia oligárquica no período pós-independência, inicialmente estruturada em torno do salitre e do guano e após o colapso provocado pela crise da economia organizada em torno destes produtos, a estruturação de uma economia agroexportadora estruturada em torno do latifúndio e da produção baseada em trabalho semi-servil. A mesma preocupação com as determinações concretas está presente em sua análise da questão indígena: *“Todas as teses sobre o problema indígena, que ignoram ou omitem a este como problema econômico social, são apenas estéreis exercícios teóricos – e as vezes exclusivamente verbais – condenados a um descrédito absoluto”* (MARIÁTEGUI, 1958: 29) Para Mariátegui, ao contrário, *“a questão indígena parte de nossa economia. Tem raízes no regime de propriedade da terra”* (Idem, p. 31) Apesar da importância da “vontade revolucionária”, Mariátegui deixa claro que desvinculada do contexto histórico que a potencialize, ela seria estéril: *“A reivindicação indígena carece de concretude histórica enquanto se mantiver em um plano filosófico ou cultural. Para adquiri-la - ou seja, para adquirir realidade, corporiedade – necessita converter-se em reivindicação econômica e política”* (Idem, p. 32). Mais do que apenas propor uma “contextualização” econômica de sua problemática, Mariátegui buscava dialeticamente construir uma interpretação da totalidade social, considerando necessário repudiar *“as diversas teses que consideram a questão como um ou outro dos seguintes critérios unilaterais e exclusivos: administrativo, jurídico, étnico, moral, educacional,*

eclesiástico” (Idem, p, 36). Assim, criticava as diversas interpretações monistas então predominantes, para estabelecer a compreensão da problemática indígena como uma questão fundamentalmente vinculada à estrutura agrária: “*Nosso primeiro esforço tende a estabelecer seu caráter de problema fundamentalmente econômico. (...) Com certeza, a mais absurda das refutações que se podem nos dirigir é a de lirismo ou literaturismo. Colocando em primeiro plano o problema **econômico-social**, assumimos a atitude menos lírica e menos literária possível*” (Idem, p. 40, grifos meus).. Mais ainda, Mariátegui indicava que “*o regime de propriedade da terra **determina** o regime político e administrativo de toda nação. (...) Sobre uma economia semifeudal não podem prosperar nem funcionar instituições democráticas e liberais*” (Idem, p. 43, grifo meu). Tais questões nos reconduzem ao suposto “antideterminismo” de Mariátegui, efetivo em sua contraposição ao determinismo mecânico imposto pelo stalinismo,⁵ mas que não nos autoriza ,como o próprio autor alertou em inúmeras ocasiões. a qualificá-lo como “voluntarista” ou “romântico”, haja visto que considerava que “*a atividade do sujeito tem que se dar em certas condições objetivas que, definitivamente consistem na realização de possibilidades criadas nestas condições*” (Apud SANCHEZ-VÁSQUEZ, 1998: p. 51). Sua posição reafirma a perspectiva de que os homens fazem sua própria história, mas o fazem em condições determinadas: “*A imaginação, geralmente, é menos livre e menos arbitrária do que se supõe. (...) Em todos os homens, tanto nos mais geniais quanto nos mais estúpidos, encontra-se condicionada por circunstâncias de tempo e de espaço. (...) Logo, só são válidas aquelas utopias que se poderiam chamar de realistas. Aquelas utopias que nascem das próprias entranhas da realidade*” (MARIÁTEGUI, 2005b: 48). Posição que fica ainda mais explícita em sua reivindicação da dialética marxista: “*O marxismo, do qual todos falam mas muito poucos conhecem e, sobretudo, compreendem, é um método fundamentalmente dialético. Ou seja, é um método que se apóia inteiramente na realidade, nos fatos*” (Idem, 119). Posição que conduziu Mariátegui à análise concreta de uma situação concreta, método que por mais estranho que fosse ao stalinismo, nada tem de “heterodoxo” ou *sui generis* no campo marxista.

⁵ Curiosamente, em algumas ocasiões Mariátegui também resvala em posições características do determinismo evolucionista, como no artigo em que analisou a eleição de Thomas Wilson à presidência dos Estados Unidos: “*Contribuindo para que o processo se cumpra rigorosamente, sem preocupações humanitárias e democráticas, sem concessões oportunistas à opinião e à ideologia médias, um governante do tipo de Hoover provavelmente apressará, mais que um representante do tipo de Smith, o avanço da revolução e, portanto, a evolução econômica e política da humanidade. (...). O capitalismo precisa ser, vigorosa e energeticamente capitalista. Na medida em que se inspira em seus próprios fins, e que obedece a seus próprios princípios, obedece a seus próprios princípios*” (MARIÁTEGUI, 2005^a, 63).

Bibliografia

- ALIMONDA, Héctor. *José Carlos Mariátegui*. São Paulo: Brasiliense 1986.
- ARICÓ, José. Mariátegui e o surgimento do marxismo latino-americano. In: HOBBSAWN, Eric (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 447-459.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. *O marxismo na América Latina*. São Leopoldo: Unisinos, 1995.
- LOWY, Michael. Notas sobre a recepção do marxismo na América Latina. In: BARSOTTI, Paulo & PERICÁS, Luis Bernardo. *América Latina: história, idéias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 11-16.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 ensayos de interpretacion de la realidade peruana*. Lima: Amauta, 1958. Biblioteca Amauta. 2ª Edición Popular de 50.000 exemplares.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. A revolução socialista latinoamericana. In: LOWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999b.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Do sonho às coisas: Retratos subversivos*. São Paulo: Boitempo, 2005a.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Historia de la crisis mundial: conferencias pronunciadas en 1923*. Lima: Amauta, 1964.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. Prólogo a Tempestade nos Andes. In: LOWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999a.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Por um socialismo indo-americano: ensaios escolhidos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005b.
- OSÓRIO, Helen. Mariátegui e a revolução latino-americana. *História: Ensino e Pesquisa*. Porto Alegre, Mercado Aberto, dez. 1987, p. 58-71.
- SANCHEZ VÁZQUES, Adolfo. Mariátegui: grandeza e originalidade de um marxista latinoamericano. In: BARSOTTI, Paulo & PERICÁS, Luis Bernardo. *América Latina: história, idéias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 45-54.